

## **ANÁLISE DO CONTO “A MULHER PREGUIÇOSA”: PATRIARCADO E DESIGUALDADE DE GÊNERO**

Patricia Santana da Silva  
Edil Silva Costa

*Resumo:* O conto popular “A mulher preguiçosa” demonstra em sua narrativa o papel assumido pela mulher na sociedade a partir de uma visão patriarcal que valoriza o sexo masculino inferiorizando o sexo feminino, fazendo legitimar a desigualdade de gênero. O objetivo desse trabalho é propor uma análise do conto para poder identificar como o patriarcado influencia na disseminação da desigualdade de gênero e como acontece a reprodução de padrões culturais que perduraram e atravessaram gerações. Este trabalho tem como suporte teórico os autores: Bourdieu, 1999; Badinter, 1993; Costa, 2005; Cunha, 2014; Narvaz, M.G.; Koller, S. H., 2006; Saffioti, H. 1987; Scott, J. 1995; Weber M. 2000; Zumthor, 1993; Zumthor, Paul, 2005; Zumthor, Paul, 2010. Como referencial metodológico define-se pelo método qualitativo com a análise do conto “A mulher preguiçosa” e a pesquisa bibliográfica. O presente trabalho busca incentivar reflexões voltadas para a importância do desenvolvimento de ações que contribuam para a desconstrução de valores enraizados no regime patriarcal que fazem perpetuar as desigualdades e contribuem para a disseminação da violência de gênero.

*Palavras-Chave:* Conto popular. Desigualdade de gênero. Patriarcado.

### **INTRODUÇÃO**

O conto popular é uma narrativa transmitida oralmente de geração para geração e geralmente apresenta várias versões tendo a sua autoria desconhecida. A tradição oral permite que os conhecimentos pertencentes a uma cultura sejam repassados e preservados ao longo dos tempos e esse fato, muitas vezes

garante o resgate, a preservação e a valorização da ancestralidade de muitas comunidades e grupos humanos.

A tradição oral tem a sua origem nos tempos primórdios quando a escrita ainda não existia e por um longo período de tempo as narrações dos contos eram repassadas constantemente de boca em boca e apresentavam de forma própria para a sociedade saberes, identidades, ideologias, valores e sentimentos. Nesse sentido a oralidade tem o seu lugar de destaque na preservação dos contos orais.

Na explanação de um conto, o narrador se envolve por completo e de maneira singular, dando vida e sentindo ao conteúdo narrado. Segundo Zumthor (2010, p. 31), nas narrativas orais os narradores possuem uma performance que envolve corpo, voz e gestos. O autor salienta que não existe uma performance igual a outra em sua forma, por isso todas se diferenciam umas das outras tornando-se únicas em sua maneira e no ato da narração cada narrador usa a poética da sua voz com características próprias.

Nesse sentido, considerando que a voz e o corpo são indissociáveis e compõem a performance do narrador é através da voz, gestos e movimentos corporais que as narrativas orais se apresentam como elementos poéticos. O autor destaca que nas “transmissões orais da poesia” o corpo e a voz formam o par indissociável: “O tempo da poesia oral é, por assim dizer, corporalizado. É um tempo vivido no corpo” (ZUMTHOR, 2005, p. 89).

A performance por ser dinâmica, existe nela uma interação entre a fala, o corpo e os gestos que são representados através das expressões do narrador e dão ênfase ao enredo da história que está sendo narrada. Sendo assim, na performance de um narrador o corpo não existe sem a voz, nem a voz existe sem o corpo. Segundo Zumthor (2005, p. 89): “A voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada”.

Na tradição oral a performance do narrador trata-se de um componente essencial que envolve a narrativa e dá vida ao conto. A interação entre a voz, o corpo, gestos e movimentos que fazem parte da performance, contribuem para que aconteça a transmissão de conhecimentos de forma singular e especial, marcando o momento da narração onde há todo um envolvimento entre o narrador e as pessoas que escutam o conto.

Durante muito tempo a poesia oral era reconhecida como algo popular, porém a partir do século XX gradativamente começam a existir movimentos de investigação e estudos voltados para a análise da oralidade e suas contribuições para a literatura. Foi constatado que através da oralidade se transmitia marcas de identidades ligadas às origens histórias e culturais presentes no meio social e logo a poesia oral começa a ser legitimada tanto quanto a literatura escrita.

Conforme Zumthor (1993), na era medieval a voz mediava a relação entre o copista e o texto, onde para escrever precisava-se ouvir primeiro a voz do poeta e depois ainda era necessário aguardar que o próprio poeta fizesse as alterações necessárias, para depois o texto ser escrito. Considerando que é a voz do contador ou do poeta que faz toda mediação entre o oral e o escrito o autor denomina poesia oral e não literatura oral.

A literatura popular oral teve o seu fundamento na oralidade através dos poetas e contadores de contos. Embora alguns dos contos preservados sejam cultivados também através da escrita não deve se negar que foi através da voz que eles se fundamentaram e que muito antes da escrita já existia toda uma narração oral, sendo a literatura escrita uma concretização da voz.

A tradição oral garante o repasse de conhecimentos, costumes e valores de um povo ao longo das gerações e as representações dos problemas sociais muitas vezes são denunciados através das narrativas. Considerando que os contos podem espelhar os papéis sociais e é comum encontrar neles a

representação do papel social da figura feminina, o presente artigo busca fazer uma análise sobre a representação feminina no conto “A mulher preguiçosa”.

O conto “A mulher preguiçosa” narrado por Manuel Daniel de Sousa e transcrito após a sua morte, com a contribuição de várias pessoas da família, é uma breve narrativa sobre um marido que pede para que a sua esposa passe a fazer as suas necessidades dentro de um cesto grande ao longo de um mês e ela acatando a ordem obedece ao mesmo e realiza o seu pedido. No final do mês ele chama os vizinhos da redondeza e com uma de suas mãos ele mostra um pequeno bordado feito pela esposa e com a outra mão ele aponta o cesto cheio de fezes e diz que ali estava o trabalho realizado por ela e que o pequeno bordado é o trabalho de um ano e o cesto cheio de fezes é a cagança de um mês.

A primeira parte desse artigo discorre sobre a representação do papel da mulher na sociedade e a influência da herança patriarcal na dinâmica familiar do casal que são personagens do conto, enfatizando a violência de gênero, que nesse caso específico acontece de forma simbólica chegando a se caracterizar como violência psicológica. A segunda parte aborda as questões relacionadas a desigualdade de gênero que surgem a partir de uma cultura machista enraizada no patriarcado.

A narrativa em questão mostra que a falta de reconhecimento e a invisibilidade do trabalho desenvolvido pela mulher, provoca a inferiorização e até o apagamento da figura feminina, retratando ainda a violência psicológica contra a mesma que é um dos problemas bastante repercutido nos dias atuais. O conto traz pontos a serem refletidos sobre a questão da herança cultural do patriarcado e a desigualdade de gênero que marcam o papel da mulher na sociedade ao longo das gerações.

Considerando que o conto “A mulher preguiçosa” traz representações importantes sobre a reprodução de padrões de

comportamentos como base na herança cultural do patriarcado e na desigualdade de gênero no âmbito familiar, o objetivo desse trabalho é propor uma análise do conto para poder identificar como o patriarcado influencia na disseminação da desigualdade de gênero e como acontece a reprodução de padrões culturais que perduraram e atravessaram gerações. Como referencial metodológico o trabalho define-se pelo método qualitativo com a análise do conto “A mulher preguiçosa” e a pesquisa bibliográfica.

Esse trabalho busca incentivar o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a desconstrução de valores enraizados no regime patriarcal que fazem perpetuar a desigualdade de gênero e contribuem para a disseminação da violência de gênero que causa o apagamento da figura feminina através da inferiorização que surge principalmente por conta dos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

## **HERANÇA CULTURAL DO PATRIARCADO**

Historicamente, a relação entre família e patriarcado está vinculada ao conceito de família da Roma antiga, que oriundo do vocábulo latino *famulus*, significa "escravo doméstico". Na família romana o homem representava o centro dessa instituição e tinha sob dominação a mulher, os filhos e os escravos que deveriam ser obedientes e submissos, acatando as ordens vindas do patriarca. Porém, o patriarcado não se legitima por ser o pai que detém o poder no seio de sua família, mas pelo fato de o poder estar centrado na figura masculina.

Nesse sentido, Narvaz e Koller (2006) trazem que as mulheres ocupam um lugar de subordinação com relação ao homem por princípios de hierarquia e os mais jovens aos homens mais velhos. Através de regras e valores que regem o patriarcado o masculino é empoderado em uma sociedade que valoriza as atividades masculinas em detrimento das atividades femininas o

que contribuiu para legitimar o controle da sexualidade dos corpos e da autonomia feminina.

De acordo com o conceito atribuído por Weber (2000, p. 184), “chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida normalmente por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”.

Ao longo dos tempos a imagem da mulher na sociedade vem sendo propagada como sexo frágil, dependente da figura masculina, obediente e submissa. Este fato está ligado a crenças e valores que foram herdados do patriarcado onde o homem ocupa uma posição superior na família exercendo autoridade máxima sobre a mulher. Segundo Cunha (2014):

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p. 154).

A trajetória histórica da mulher no Brasil é marcada por um padrão de dominação da figura masculina sobre a figura feminina o que culmina na reprodução de ideias que fazem legitimar o papel secundário que a mulher ocupa na sociedade, sendo sempre vista como sexo frágil e que deve ser submissa ao homem, que por sua vez é considerado como dominador, forte e viril. Conforme Bourdieu (1999, p. 7-8) trata-se de um processo de subordinação que resulta daquilo que ele chama de violência simbólica.

Abordando o conto “A mulher preguiçosa” observa-se que há uma violência simbólica do marido com relação a esposa e que a narrativa está baseada em um discurso de violência psicológica que acontece dentro de uma relação desigual de poder, onde o agressor usa um discurso voltado para mexer com o psicológico

da vítima exercendo autoridade sobre ela para manipular e controlar a mesma de forma sutil.

Essa violência simbólica está sendo retratada no conto quando a esposa obedece ao pedido do marido mesmo sendo algo muito incomum e depois ele expõe a privacidade da mesma para os vizinhos. Percebe-se que nessa relação a mulher deve obedecer às ordens do seu esposo, acatando modelos tradicionais de relações de gênero e seguindo uma dinâmica familiar que faz parte da reprodução da herança cultural do patriarcado, onde se impõe a obediência feminina sendo aceitável a dominação masculina.

A narrativa oral em questão mostra que a desvalorização da mulher e do seu trabalho acontece através de uma violência subjetiva e sutil, onde a própria mulher não consegue se identificar como vítima e passa a interiorizar os comandos do marido reforçando as ações que são usadas para a sua própria manipulação e este fato contribui para a disseminação de forma naturalizada do ciclo de agressão.

Fica claro perceber através da breve narrativa do conto, indícios da cultura patriarcal na relação daquele casal, onde o homem controlou e manipulou o comportamento da mulher para desvalorizar o seu trabalho artesanal e hostilizar a mesma. Sem ter o direito de manifestar seus desejos e desagrados essa mulher é anulada e permanecendo submissa e obediente, não tem o poder de decisão passando a ser um corpo controlado e manipulado.

A narrativa traz reflexões sobre o regime patriarcal que pode ser visto como herança cultural que determina a condição subalterna da mulher, onde as ideias sobre os papéis desenvolvidos na sociedade são determinadas a partir do sexo de cada um, através de uma cultura machista, que privilegia o masculino e suas características voltadas para a dominação e opressão do sexo feminino. Segundo Saffioti (1987):

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída a través da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade determina com bastante precisão, os campos e que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Ao longo dos tempos as mulheres foram fadadas exclusivamente aos trabalhos domésticos que por não serem valorizados, tornavam-se invisíveis perante a sociedade. No conto “A mulher preguiçosa” ao fazer comparação do trabalho artesanal da mulher com um cesto cheio de fezes e enfatizar que ela defeca mais do que trabalha, o homem está desvalorizando o trabalho feminino e colocando a figura feminina em uma posição subalterna.

Na narrativa o marido usa a expressão: “trabalho de um ano, cagança de um mês. Aqui está o trabalho que a minha mulher fez” para expor o pequeno bordado e o cesto de fezes, enfatizando que o bordado é trabalho de um ano e o cesto cheio o trabalho de um mês. Nesse sentido possivelmente ele quis mostrar que todo trabalho que a sua mulher sabia fazer era “merda”, não servia e nem tinha valor para ele e nem para a sociedade.

Se por um lado o conto constitui uma das formas de ocupar o tempo livre das pessoas reforçando os laços de convívio entre os membros de uma comunidade, por outro lado contribui para que as crianças desde cedo passem a interiorizar os valores e comportamentos considerados aceitáveis. O conto em questão denuncia situações de violência psicológica contra a mulher, que possivelmente passa despercebida pelos ouvintes.

Nessa direção, o conto popular provoca risos e descontraí, mas nesse caso específico do conto “A mulher preguiçosa”, o riso possivelmente serviu como reforço para banalizar a discriminação sofrida pela protagonista. Os risos naturalizam as práticas machistas e sexistas que afetam as mulheres e por ser



naturalizadas não são percebidas como um problema social que precisa ser combatido.

Um fato interessante que aponta o perigo de tal naturalização das práticas discriminatórias é o fato de que muitas mulheres sorriem com a narração de contos que denunciam a violência que afeta a elas próprias. Achem engraçado e se divertem com a narração dos problemas sociais que lhes afetam, simplesmente por já terem internalizado que é “normal” certas colocações direcionadas a mulher.

Ainda seguindo o raciocínio, com base na expressão pejorativa citada pelo personagem do conto, pode-se dizer que nessa situação a figura feminina sofre um apagamento sendo marcada como inútil e irracional. A partir do momento em que ele diz que a mulher defeca mais do que trabalha, naturalmente ele não reconhece e nem valoriza o trabalho da mesma, dando a ideia de que ela só come sem trabalhar, dependendo dele para sobreviver.

O fato de esse homem chamar os vizinhos para mostrar o trabalho feito pela mulher trata-se de um ato machista, que leva a acreditar que a mesma foi punida por ser vista como preguiçosa. Em sua tese de doutorado, “Comunicação sem reservas: Ensaios de malandragem e preguiça” Costa (2005, p. 163), faz a análise de um conto popular “A mulher preguiçosa” diferente do conto explorado nesse trabalho e aborda outras questões, mas ainda assim, traz contribuições significativas para a presente análise quando aponta que a punição sofrida por uma personagem “preguiçosa” no conto oral pode ser subentendida como uma lição justa e natural no sentido de manter, a todo custo, a ordem familiar tradicional, onde a mensagem que possivelmente se pretende passar é que o lugar da mulher é em casa cuidando dos trabalhos domésticos e do marido.

O bordado que se trata de um trabalho artesanal que faz parte da cultura de muitas localidades foi desvalorizado pelo

personagem do conto. A mulher possuía a arte de bordar, mas não era algo interessante para o marido, possivelmente por não ser um afazer doméstico que privilegiasse o seu capricho masculino e por isso foi hostilizada diante de todos como punição para compreender que o seu papel era dar prioridade aos afazeres domésticos e não perder tempo fazendo bordado.

Nos dias atuais embora a mulher venha conquistando o seu espaço na sociedade, a violência contra a mulher é considerada um problema de saúde pública e psicossocial. O conto popular “A mulher preguiçosa” nos faz refletir que mesmo hoje na sociedade contemporânea ainda temos influências de um regime patriarcal que faz legitimar a ideia de que o homem deve subjugar a mulher e exercer o seu poder sobre ela através da violência psicológica.

Sendo assim, o conto em análise repassa conhecimentos sobre como a cultura patriarcal adotada por algumas famílias ainda contribui para que a submissão da mulher ao homem se perpetue ao longo dos tempos, fazendo com que a figura feminina sempre seja identificada como fraca e dependente. Neste sentido, o homem sempre tem razão, sensatez, poder de escolha, racionalidade e direito a um salário no final do mês, enquanto a mulher deve obedecê-lo e acatar as suas ordens, assumindo uma posição subalternizada na sociedade e sendo considerada como inferior.

## **DESIGUALDADE DE GÊNERO**

Gênero é uma categoria utilizada para ser pensada as relações sociais que envolvem homens e mulheres; relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual (SCOTT, 1995). Neste contexto, gênero pode ser compreendido como componente cultural, histórico e de papel social.

A identidade de gênero forma-se a partir do sentimento e convicção que se tem de pertencer a um sexo, sendo, pois uma

construção social baseada no biológico. Neste processo, o sexo e os aspectos biológicos ganham significados sociais decorrentes das possibilidades físicas e sociais de homens e mulheres delimitando suas características e espaços onde podem atuar. Assim, são estabelecidas as desigualdades entre os sexos, sendo vistas como normas e fruto da “natureza” de cada um deles (BADINTER, 1993).

A partir desse processo sociocultural de construção de identidade, tanto masculina quanto feminina, o menino é ensinado a não exteriorizar seus sentimentos, fraquezas e sensibilidade, a ser diferente da mãe e espelhar-se no pai, provedor, seguro e justiceiro. Em contrapartida, com a menina, acontece o oposto, ela deve se identificar com a mãe e com características ditas femininas como docilidades, dependência, insegurança, entre outras.

Conforme a narrativa do conto, o comportamento dos personagens tem como base uma educação ainda enraizada no sistema patriarcal através de uma socialização hierárquica. Esse processo acontece de forma naturalizada onde as próprias mulheres não conseguem assimilar que são reféns da própria dinâmica familiar que repassam para seus filhos reafirmando que existem lugares e tarefas específicas para mulheres e que não pertencem aos homens.

Através da narrativa do conto “A mulher preguiçosa” percebe-se que a desigualdade de gênero com relação aos papéis assumidos na sociedade é acentuada de acordo com o sexo que a pessoa possui. Nesse processo, o sexo e os aspectos biológicos ganham significados sociais decorrentes das possibilidades físicas e sociais de homens e mulheres delimitando suas características e espaços onde podem atuar.

A diferença de papéis entre homens e mulheres pode ser exemplificada no conto através da divisão sexual do trabalho que acontece na família, onde a mulher fica em casa e se limita aos

trabalhos domésticos e ao artesanato e o marido sai para trabalhar fora de casa. Nesse sentido a desigualdade de gênero se configura a partir da classificação e discriminação do masculino e feminino.

Na narrativa, a personagem ocupa um lugar de quem provavelmente recebeu uma educação que foi repassada de outras gerações onde os ensinamentos estão voltados para que a mulher seja eficiente nos trabalhos domésticos, aprendendo que é importante ser obediente, cuidar da casa, do marido e dos filhos, em contra partida o personagem aparenta ter recebido uma educação diferenciada e voltada para dominar, ser “macho”, forte, viril e reprodutor cabendo-lhe as tarefas fora do lar.

De acordo com a narração a personagem do conto já possui um comportamento moldado e voltado para lidar com as determinações que a sociedade impõe sobre ela com relação as tarefas que são específicas para o sexo feminino e o sexo masculino. Essas imposições são socialmente e historicamente construídas, a partir de padrões normativos do que é ser homem e o que é ser mulher. Nesse contexto, a sociedade almeja que ambos se comportem de acordo com seu papel social de gênero.

Conforme o conto, percebe-se que há uma valorização do trabalho masculino a partir do momento que o trabalho feminino é desvalorizado. A personagem ao ser hostilizada passa a ser vítimas de uma violência simbólica e silenciosa que acontece por conta da desigualdade de gênero que está enraizada em uma cultura patriarcal que dita regras e penalizam as mulheres por pertencerem ao sexo feminino.

A desigualdade de gênero com relação a divisão sexual do trabalho aparece bem representada nesse conto onde supostamente a personagem passou a ser vista como “preguiçosa” por seu marido e por isso recebeu uma punição. A partir desse comportamento subentende-se que esta mulher está fadada exclusivamente aos trabalhos domésticos de sua casa

enquanto o homem tem total liberdade para realizar tarefas onde desejar.

A narração do conto mostra como o sistema patriarcal promove a desvalorização da figura feminina no espaço social e contribui para o desenvolvimento das relações de desigualdade de gênero, onde existe uma hierarquia que designa o homem como detentor do poder, reforçando assim um sistema de opressão que controla, manipula e subjuga a mulher.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no trabalho realizado evidenciou-se que ao longo dos tempos a mulher vem conquistando o seu espaço na sociedade através de políticas públicas voltadas para garantir os seus direitos. Porém, apesar das conquistas alcançadas, a trajetória histórica da mulher na sociedade vem sendo marcada pelas desigualdades de gênero que ainda hoje nos dias atuais contribuem para que a mesma seja discriminada e menos valorizada que o homem no espaço social, sendo na divisão sexual do trabalho que fica bem nítida essas manifestações de discriminação.

A narrativa do conto “A mulher preguiçosa” mostra que a divisão do trabalho pelo sexo é um elemento cultural decorrente das relações sociais e que historicamente se adapta a cada sociedade fazendo prevalecer a desigualdade de gênero. Dentro dessa divisão social do trabalho encontra-se o princípio da separação que afirma que existem trabalhos específicos para ambos os sexos e o princípio da hierarquização que defende a ideia de que o trabalho do homem “vale” mais do que o trabalho da mulher.

O conto traz evidências do processo de reprodução das dinâmicas culturais que vêm acompanhadas de experiências subjetivas e relacionais das pessoas que fazem parte daquele cenário. A narrativa revela como a herança do patriarcado está

presente naquele seio familiar e como o poder se manifesta de forma naturalizada nas relações de gênero. Este fato torna-se preocupante, pois essa imposição de poder trata-se de uma violência psicológica que circula nas famílias de uma forma “invisível” contribuindo para que as mulheres inconscientemente aceitem ocupar um lugar subalternizado.

O assunto pesquisado mostra indícios que as relações de desigualdade de gênero encontram-se vigentes na sociedade contemporânea e a ideologia patriarcal, reforça e fortalece o sistema opressor que subjuga as mulheres e dificulta a equidade de gênero. A relação do casal, personagens do conto está baseada no sistema patriarcal onde há uma hierarquia de poder que faz legitimar as desigualdades de gênero que se manifestam com base nas características biológicas, físicas e sexual, que coloca a mulher em um lugar de submissão.

Diante das discussões apresentadas, destaca-se que este trabalho traz contribuições para o campo de estudos voltados para o sistema patriarcal e a disseminação da desigualdade de gênero com base na reprodução de padrões culturais que perduraram e atravessaram gerações. Além disso, contribui para incentivar o desenvolvimento de políticas públicas eficazes voltadas para a desconstrução de valores enraizados no regime patriarcal que fazem perpetuar a desigualdade de gênero e contribuem para a disseminação da violência de gênero que causa o apagamento da figura feminina.

A realização desse trabalho contribui com a sociedade, compartilhando conhecimentos que possibilitam uma ampla reflexão sobre uns dos temas bastante repercutidos nos dias atuais que há séculos vem colocando o sexo feminino em uma situação de inferioridade com relação ao sexo masculino. O desenvolvimento dos estudos implicou na rediscussão de valores e comportamentos construídos, também na redefinição de nossa

cultura, nossa educação na forma como pensamos a sociedade, e de que modo a desejamos.

Sendo assim, a análise do conto “A mulher preguiçosa” traz uma provocação sobre a predominância da herança patriarcal ainda hoje na sociedade contemporânea, nos fazendo refletir que mesmo apesar das políticas voltadas para garantir os direitos femininos ainda existem na atualidade famílias que fazem prevalecer as desigualdades de gênero através da legitimação do homem como figura central no exercício do poder.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BADINTER, Elizabeth. *XV – sobre a violência masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

COSTA, Edil Silva. *Comunicação sem reservas: Ensaio de malandragem e preguiça*. Dissertação de Doutorado em Comunicação e Semiótica. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

CUNHA, Bárbara Madruga. *Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero*. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014.

NARVAZ, M.G.; KOLLER, S. H. Famílias e Patriarcado: Da prescrição Normativa à Subversão Criativa. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 01, nº 18, p. 49-55, jan/abr. 2006. Arvaz, M. (2005). *Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan Wallach; *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez.1995, pp. 71-99.

WEBER M. *Economia e Sociedade*. 3. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et al). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.